

## Conclusão

Neste trabalho procuramos demonstrar que a literatura, como toda manifestação artística, sempre se realizou com o instrumental tecnológico disponível naquele momento – com o estado das artes daquele momento. Por isso, surgindo na fase oral, passou pelos escritos nos pergaminhos com pena de ganso, foi escrita com lápis e caneta e chegou ao computador. Cantada pelos *aedos* gregos, escrita pelos gregos e pelos romanos em pergaminhos, escrita na idade média nos mosteiros, reproduzida depois de Gutenberg pela imprensa, chegou ao cinema e à televisão, sempre se utilizando do instrumental tecnológico disponível em um dado momento.

Na presente dissertação procuramos demonstrar que a telenovela *Roque Santeiro* foi uma espécie de desfile de carnaval eletrônico durante os oito meses em que foi ao ar na Televisão Globo, buscando fornecer elementos teóricos para que o leitor possa também ver da mesma forma. Tentamos demonstrar que a tal telenovela foi uma celebração da vida, tal qual eram as primitivas saturnais romanas, em que os povos agricultores glorificavam o milagre da vida e da morte como sua regeneração da mesma forma que ocorria com as plantas que floresciam, frutificavam, morriam e renasciam, em um círculo contínuo e perpétuo que se renovava indefinidamente e eternamente como ainda hoje acontece.

Procuramos demonstrar que todos os personagens de *Asa Branca* vivem papéis que não os seus, bem de acordo com os desfiles de carnavais antigos e medievais, em que tudo era invertido por um curto período de tempo, onde o bufão era coroado rei por um dia e o ladrão era coroado bispo, os escravos eram servidos pelo senhor.

Pretendemos ter demonstrado que a telenovela *Roque Santeiro* foi muito mais do que um simples folhetim eletrônico, devendo ser vista como uma obra de arte, uma obra literária, em que o autor discutiu o herói, o mito, a verdade, a boa intenção, sendo feliz em juntar no texto literário, altas doses de humor com a crítica à fé nas instituições estabelecidas, e na verdade absoluta.

Entendemos ainda ter demonstrado que a telenovela é tão somente um produto literário do seu tempo, como o foram o pergaminho, o manuscrito e o livro, cada qual em sua época. Em tempos de mídia eletrônica, há de se admitir que na televisão possa ser produzida literatura como sempre se produziu, dependendo do momento histórico e da tecnologia disponível.

Entendemos que *Roque Santeiro* é uma variação das festas saturnais romanas que se celebravam pagãmente a vida, e o renascimento através da morte, antes que o dogmatismo cristão dominasse a vida ocidental. É possível até que não tenha sido esta a intenção do autor, que sempre falou em espelhar de maneira idealizada a visão do interior do país, mas que no nosso entender acabou por construir um desfile de carnaval eletrônico, em que por oito meses os habitantes da fictícia cidade Asa Branca vão viver o carnaval do retorno ao mundo dos vivos, qual seja aquela comunidade, do herói Roque, que não morreu. Da mesma forma, os milhões de telespectadores vão viver o carnaval sem sair de suas casas, bastando ligar a televisão, numa alteração tecnológica relevante, mas que não altera o quadro de festa saturnal. O herói, Roque, que dá inclusive seu nome ao escrito, é um fujão covarde, que jamais quis ser herói tampouco mito, só querendo viver em paz em sua terra natal, mas se assim o fizer, destruirá toda a prosperidade de sua terra, na visão dos nativos fazendo mais mal à cidade do que o tal bandido Navalhada, ou mesmo Sinhozinho Malta. Então, Roque vive o papel de herói, mas é um fujão; vive o papel de mito quando na verdade não passa de um ladrão. Sinhozinho Malta, por sua vez, latifundiário e pecuarista, com ligeiro verniz civilizado, mantém os velhos métodos do Brasil arcaico de eliminar os adversários fisicamente falando, através de meios violentos, onde a morte do inimigo não é uma simples figura de linguagem, sendo entretanto visto como o verdadeiro salvador da cidade, ainda que suas intenções sejam salvar os próprios interesses. Não bastasse isso, o ator Lima Duarte, que vive Malta é calvo, e usa inúmeras perucas, como se estivesse disfarçado numa mascarada. Falsa é também a viúva Porcina, enfeitada como se fosse a um baile de carnaval, que se tornou viúva sem jamais ter se casado com o noivo Roque, e que mulher sensual, preocupada tão somente com dinheiro, prazer e dinheiro, comete um erro supremo, o de se apaixonar pelo seu falso marido Roque, antes falecido e agora mais vivo do que nunca. Porcina, então, vive o papel de viúva assanhada que também não é verdadeiro nem ficticiamente falando, pois nunca se casou com

Roque. Malta e Porcina são o casal de protagonistas da novela, não há dúvidas, sendo Roque tão somente um obstáculo entre eles a ser superado como tantos o foram. Como estamos vendo a novela toda como um desfile de carnaval, em que entre outras coisas, há também mascaradas, Malta e Porcina seriam o casal principal deste desfile imaginário. Também para mantê-los juntos no final da trama, Dias Gomes retorna ao comando de seu texto, pois havia comentários na imprensa, depois confirmados, de que seu substituto, Agnaldo Silva, os separaria, ficando a viúva com Roque e desconstruindo a discussão sobre o mito. Mocinha, a namorada virgem e verdadeira de Roque, ainda o espera pura depois de dezessete anos, se perdendo em ativismos contra os pecados da carne, que ela bem gostaria de cometer, participando furiosa das campanhas igualmente furiosas contra as meninas da boate Sexus. Florindo Abelha é o barbeiro que acordou sentado na cadeira de prefeito da cidade por decisão do Coronel Sinhozinho Malta, que manda e desmanda nele como também manda e desmanda nele sua esposa Dona Pombinha. Então, Florindo Abelha vive outro papel que não o seu, como bom carnavalesco que é: parece ser o prefeito, mas é somente o barbeiro da cidade. Dona Lulu, a atormentada esposa de Zé das Medalhas, é a eterna menina que viu o suposto santo fazer milagre e é vista pela população como alguém que está fora do seu lugar correto, que seria em um convento, já que viu o milagre do anto, viu o santo e como tal é praticamente uma santa. Lulu, porém, é humana, é mulher, tem desejos sexuais reprimidos que o marido repressor só aumenta, pelo que vive também um papel que não é o seu. A bonita filha de Malta, Tânia se faz de moderna e namora o padre, porém fica razoavelmente claro que será herdeira do pai no seu todo, inclusive na sua truculência civilizada, não aceitando o casamento deste com a Porcina – representa então também um papel que não é o seu real mesmo literariamente falando. O Professor Astromar, erudito, intelectual, apaixonado por Mocinha, escritor da saga de Roque Santeiro, não é o simples intelectual bem intencionado e alienado, que só vê o que os poderosos querem que veja: ele realmente é o lobisomem, figura absolutamente real no imaginário popular dos brasileiros do interior, muitos garantindo tê-lo visto mais de uma vez. Então, o papel de intelectual também é falso, sendo verdadeiro o de lobisomem, figura mitológica, porém real, mais do que a história falsa, ainda que bem intencionada, que ele escreve sobre Roque, sua morte, sua valentia, seu heroísmo, seus milagres, que ajudam a divulgar a cidade e o mito, mas não a verdade.